

DARCY RIBEIRO: O HOMEM E A OBRA

DARCY RIBEIRO: The man and the work

Tânia Elias Magno da Silva²¹

RESUMO

O objetivo da presente comunicação é acompanhar a trajetória intelectual de Darcy Ribeiro e sua contribuição para o pensamento social brasileiro, a partir das pistas deixadas pelo autor nas obras *Confissões* (1997), *O Brasil como problema* (1995) e *O Povo Brasileiro* (1995).

Palavras-chaves: Darcy Ribeiro; antropologia; pensamento social; autor e obra

²¹ Doutora em Ciências Sociais/Antropologia. Professora colaboradora do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais – Mestrado e Doutorado em Sociologia. Professora aposentada da UFS, Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Itinerários Intelectuais, Imagem e Sociedade. E-mail – taniamagno@uol.com.br

O objetivo central do presente artigo é buscar compreender a trajetória e o processo de criação intelectual do educador, antropólogo, político e literato Darcy Ribeiro, tendo como principais referências as obras *Confissões* (1997), *O Brasil como problema* (1995) e *O povo brasileiro* (1995), esta última considerada pelo autor como a sua melhor contribuição ao estudo da formação e do sentido do Brasil.

Seguimos algumas trilhas teóricas nesta aventura de acompanhar a trajetória intelectual de Darcy para buscar compreender o seu processo de criação. Uma delas nos é dada por Michel Guérin (1995) ao afirmar que para melhor compreender e analisar a obra é preciso decifrar o autor que nela se esconde, pois não é possível entender a criação sem o criador:

Quando, ao falar de uma obra, dizemos que é uma criação, seríamos bem inspirados se utilizássemos simultaneamente a voz passiva e a ativa: a obra foi criada, certamente, mas ao mesmo tempo ela desenvolve a sua própria energia criadora. Em outras palavras, a produção só assume seu sentido total quando o creatum surge igualmente como crean. Toda obra é lição de obra (Guérin: 1995. P. 29).

A esse respeito Darcy já havia deixado sua postura na introdução de *O Brasil como problema* (1995, p. 6-7):

Os escritos espelham seus autores, refletindo sentimentos, idéias e manias. Os meus também (...) Mas não se equivoque comigo. Nenhum escritor é inocente, eu também não. Confesso que quero mesmo é fazer a sua cabeça.

Em *O povo brasileiro* (1995, 17) conclui a apresentação re-afirmando sua condição de cientista engajado, comprometido com a realidade:

Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um profundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas, que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo.

Outra trilha teórica utilizada para a compreensão dos escritos analisados segue a afirmação moriniana (1984) de que a ciência é, e continua a ser uma aventura e que a verdade da ciência está exatamente no caráter aberto desta aventura que exige a contestação das suas próprias estruturas de pensamento. Ou seja, o conceito de ciência não é absoluto nem eterno e as verdades científicas são sempre aparentes, incertas, indeterminadas. Conforme a assertiva de Edgar Morin (1984, 45), “há verdades provisórias que se sucedem, em que a única verdade é a aceitação desta busca”.

Seguindo as pistas fornecidas por Edgar Morin sedimentamos nossa aventura pela vida e obra de Darcy Ribeiro, entendendo que a verdadeira criação é individual, e só pode ter lugar em direções culturais “não absolutamente proibitivas”.

O autor, o escritor, o pensador são então aqueles que se servem da sua cultura para exprimir, descobrir, elaborar o que não existia ainda na sua cultura e que eles introduziram nessa cultura.

Quanto mais o criador avança na criação, menos é o “produto” do seu local e da sua época: segundo a expressão de Max Terrier, “a sua obra termina em falésia”. Melhor ainda: a sua obra parece prematura, precedendo e talvez preparando as condições históricas e sociológicas em que será compreendida (Morin: 1992, 44).

Sobre o indivíduo, sua identidade, Milan Kundera (1994, 10) guiou-nos ao ponderar em *Testamentos Traídos* sobre o que é um indivíduo? Em que reside sua identidade?

Todos os romances procuram uma resposta a estas perguntas. Na realidade, de que maneira se define um eu? Pelo que faz um personagem, por suas ações? Mas a ação escapa a seu autor, volta-se quase sempre contra ele. Seria então sua vida interior, por seus pensamentos, por seus sentimentos secretos? Mas seria o homem capaz de compreender a si mesmo? Poderiam seus pensamentos servir de chave para sua identidade? Ou seria o homem definido por sua visão do mundo, por suas idéias, por sua Weltanschauung?

Finalmente, foi com Bachelard dos vôos noturnos, do direito de sonhar, da poética dos devaneios (1988; 1991; 1993) que ousamos também alçar vôo em busca dos devaneios que alimentaram a criação ousada do autor em questão e lhe permitiram ir além do convencional, ser múltiplo, irreverente, polifônico, romântico e crítico sem nunca abandonar ou trair seus sonhos, ao contrário, sempre buscando torná-los realidade.

As falas de Darcy sobre sua vida e família foram extraídas da obra *Confissões* (1997).

UM OLHAR SOBRE SI.²²

No livro *Confissões* (1997), uma obra de caráter autobiográfico, revela sua intimidade, seus sentimentos, alegrias e frustrações de uma maneira caleidoscópica, sem uma seqüência cronológica marcada por datas, pois a memória não nos trás à tona seqüências de nossa vida por datas, mas guarda seletivamente o que mais nos

²² Todas as falas de Darcy Ribeiro contidas neste tópico resultam de pesquisa feita e extraídas da obra *Confissões* (1997) e foram selecionadas de varias partes do livro, sem uma seqüência das páginas o que dificulta citá-las todas.

impressionou e serviu para a construção de nosso eu, em especial quando selecionamos os fatos embasados na afetividade.

As confissões feitas por Darcy são uma prova do homem apaixonado e impetuoso que tinha por princípio sorver a vida de maneira prazerosa. Neste livro nos fala dos amores, dos amigos, das descobertas, das frustrações, sempre numa linha descontínua, apenas trazendo à tona o que julgou conveniente e merecedor de registro. Este é um recurso válido e utilizado pelos que escrevem sobre si mesmos.

Natural de Montes Claros, Minas Gerais, Darcy Ribeiro nasceu em outubro de 1922, e como ele mesmo recorda, sua infância guarda segredos:

(...) Fui o segundo filho e nasci em outubro de 1922.(...)

Vim à luz do dia na Fazenda Fábrica do Cedro, a uma légua de Montes Claros. Fábrica grande, de cem teares, importada da Inglaterra em 1880. Esquisitíssima. A mão-de-obra era de filhas de famílias de fazendeiros da região que lá viviam três a quatro anos num pensionato trabalhando para ao fim comprar seu enxoval. Pertencia a meu tio rico. Meu pai era o gerente. Dona Maria, avó dele, vivia conosco numa casona de estilo colonial inglês. Tudo isso se acabou.

Nasci de Fininha e de seu Naldo.(...) Fininha é Silveira, trineta de dois irmãos, José e Joaquim, que vieram de Portugal cuidar de uma sesmaria, o Garrote, que ganharam do rei no princípio do século passado. Esses Silveiras se multiplicaram tanto que hoje são mais de mil.

Minha avó Mariazinha Silveira não era de doçuras, mas tinha muitas amigas, era cordial e gostava de ouvir velhas contadeiras de histórias em relatos longuíssimos.(...) Recordo-me de um longo conto sobre o rei Dom Sebastião, morto pelos mouros, mas encantado. Mais claramente recordo a longuíssima história dos doze pares de França. A principal dessas contadeiras, sinhá Sara, tinha noite e hora marcadas para atender a sua clientela.

Mas vovó se ocupava mesmo era de trabalhar. Pedalava sem descanso sua máquina de costura, noite e dia. (...) No seu tempo não havia estrangeiros na cidade. Os primeiros foram os turcos, que devagarinho foram tomando conta do comércio (...)

Seriam judeus, mas essa palavra em Montes Claros significaria matadores de Cristo, bons para ser apedrejados. Ninguém lá conhecia nenhum, só turcos (...).

Gosto de lembrar do meu avô Olegário. Comerciante do mercado e tabelião. Dirigia a construção de um asilo de São Vicente de Paula para os pobres e às vezes saía pedindo esmolas para a sua obra. Eu ia com ele pelo gosto que me dava carregar a sacola de veludo vermelho por fora e verde por dentro, que eu agarrava e apalpava como uma coisa viva. A lembrança melhor que tenho do vovô era ele abrindo um armário muito preto para tirar de lá de dentro umas bananas maduras muito amarelas que me dava.

Sempre fui muito agarrado à mamãe. Não tinha nada desses apegos freudianos. Tinha era um zelo e um ciúme ferozes dela.(...) eu tinha doze anos, quando mamãe voltou para casa com o cabelo cortado à moderna, sem o coque que sempre usava, caí sobre ela com pancadas, tão enraivecido que tive de ser arrancado à força.

Mamãe foi uma brava mulher, com energia e coragem para completar o seu curso normal depois de viúva, enfrentar o trabalho de criar, sem ajuda, seus dois filhos. Acabou por criar também seus irmãos mais novos.(...).

Minha mãe era também Mendes, mas eu não sei nada desses meus avós. Só conheci um primo que comia lá em casa. Feito homem, engenhoso, ele montou o serviço de telefones da cidade.(...)

O Mendes mais importante, rico e poderoso era tão nativista que mudou o seu nome para Tupinambá. Veio da Bahia no fim do século, à frente de uma caravana imensa de carros de bois e de tropas de mulas, trazendo suas riquezas, que incluía uma loja muito bem sortida de tudo que se possa vender e comprar. Atrás da caravana vinha sua cavalhada e sua gadaria. Com ele veio meu avô Olegário.

(...) Meu avô Simeão era homem sério e severo. Eleito presidente da Câmara, que acumulava o cargo de prefeito, fez obra recordável. (...) Os Ribeiro, ao contrário dos Silveira, não são gente de igreja, enricam fácil e gostam de odiar-se uns aos outros. Têm orgulho de si mesmos como antigos garimpeiros e contrabandistas de diamantes.(...)

Meu pai era o melhorzinho deles. Romântico, gostava de ler e de beber uma pinga. Morreu aos 34 anos quando eu tinha

três. Felizmente, porque não fui domesticado por ele. E como não tive filhos, nunca domestiquei ninguém. Dessas carências vem o traço principal do meu caráter, que é a coragem de me ser, gostem ou não gostem. (RIBEIRO: 1997.)

Darcy ao reconstituir a sua trajetória de vida destaca porque se fez educador, e para tanto volta a falar de sua família, em especial da tia Vidinha:

Vem dessa tia a lembrança mais humilhante e triste lá de casa. O gênio de Minas Gerais, Francisco Campos, conhecido por Chico Ciência, homem de fato inteligente, fez o estatuto da primeira Universidade do Brasil, sapientíssimo, e redigiu a Constituição de 1937, chamada A Polaca. Como secretário de Educação de Antônio Carlos, deu dois sábios conselhos ao governador: primeiro, acabar com as escolas normais, que só serviam para produzir normalistas que ele tinha que nomear como professoras. Mandou também fechar as escolas noturnas para adultos. Inclusive a de mamãe, que atendia a mais de 75 pessoas maiores de idade que, com o seu talento fantástico de alfabetizadora, ela conseguia desasnar. Às vezes eu ajudava os recém-ingressados segurando a mão deles com um lápis para domesticá-la, a fim de que pudessem escrever. Ali então me fiz educador.(Op. Cit.)²³

A saga da família e a sua própria saga vão desfilando prazerosamente em suas Confissões, obra de que nos valem para dar voz a Darcy.

A morte do pai quando tinha apenas três anos de idade e a mudança repentina de vida parecem ter sido marcos importantes, pois é deles que se refere ao iniciar seu relato sobre sua infância e adolescência. Mas a morte também iria marcar sua vida com a perda da mãe anos mais tarde e, talvez, essa seja uma das marcas que carregou durante toda a sua vida e que de algum modo tentou driblar ou compensar ao não ter filhos ou mesmo em sua inconstância nos relacionamentos.

²³ A respeito da trajetória de educador e sua adesão ao chamado movimento escolanovista ver: Bomeny, 2001.

A primeira lembrança que tenho de mim é a visão da morte de meu pai.(...) Fui levado por mamãe para o meio da sala, onde estava sobre três tamboretos um caixão preto funéreo. Dentro dele, à altura de meus olhos, eu vi a cara de meu pai.(...) Era ele mesmo, meu pai, morto, de perfil. Creio que me lembro disso porque foi um acontecimento decisivo.(...)

Minha mãe, aos 23 anos, desvairada, largou sua casa enorme, a melhor talvez de Montes Claros, com o mobiliário todo, até as panelas da cozinha. De tudo se apropriou meu tio Plínio (...). Para meus tios, tudo pertencia à vovó e, portanto, a eles.

Mamãe só morreu muitos anos depois. Eu, naturalmente, fui despedir-me dela. Encontrei-a já exposta em um caixão, miudinha.(...) Atravessei a noite com as velhas companheiras dela, que rezavam terços incontáveis.(OP.Cit.)

Ao recordar sua infância e adolescência, Darcy revive as travessuras e o trabalho que deu à sua mãe, bem como as surras que levou. Dos amores às aulas de catecismo, ao gosto pela leitura que se deu lá pelos catorze anos.

(...) ali pelos catorze anos, deu-se a virada, fiquei besta. Dei de ler. Li todos os romances que rodavam pela cidade de mão em mão, inclusive alguns com a assinatura de meu pai. Depois, li quase toda a biblioteca do tio Plínio. Eram centenas de livros, entre eles as obras de Alan Kardec e outros espíritas, que me impressionaram muito. Sobretudo a de um italiano sobre a Sinfonia Sideral, primeira notícia que tive do universo. Larguei a meninada, só queria saber de leitura, falar com adultos, de ver jogar xadrez e de mal jogar. Na época em que a garotada namorava e dançava, caí nesse intelectualismo.

Foi nessa época que tudo mudou. Surgiu uma geração de esportistas, jogadores de vôlei e basquete, que encantavam e excitavam as meninas com seus corpos nus e suados. Eu morria de ciúme deles (...) E outra geração, de dançarinos, que só sabia organizar festas dançantes para agarrar as gurias. Eu, besta que era, me afastei disso tudo para ler. Eu me fiz comendo papel (Op. Cit.).

O grande amor desta fase, Juju, é a personagem central do romance *Lapa Grande, escrita de mil modos*. Almerinda, o novo amor, é quem, segundo Darcy, o salvou do intelectualismo juvenil. Amor diferente, de mulher feita, experiente da vida. Almerinda o fez homem-feito, maduro. Em 1939, vai para Belo Horizonte a fim de estudar e se preparar para o ingresso no curso universitário, pois queria ser médico. Era o desejo da mãe, mas era de certa maneira também o seu desejo, quiçá inspirado pela imagem de homem culto que trazia do tio Plínio.

Barrado pelo que denominou de "a ditadura da matemática", acabou desviando-se de sua opção pela medicina e descobrindo sua vocação e realização nas aulas que assistia na faculdade de filosofia.

Inventei então a universidade de meus sonhos, que busquei implantar mundo afora. Descobri, encantado, que podia freqüentar os cursos de outras faculdades. A faculdade de filosofia me deixou maravilhado, com suas aulas abertas para quem quisesse assistir, eloqüentíssimas (Op. Cit.).

Das lembranças que guardou desta época de encontros e descobertas e que marcaram sua formação intelectual alguns professores ficaram para sempre em sua memória: Guilherme César de literatura, Artur Versiani Veloso, professor de filosofia e Ayres da Mata Machado, todos da Faculdade de Filosofia. Recordar-se também de alguns professores da Faculdade de Direito como Orlando de Carvalho e Carlos de Campos, este último professor de Filosofia do Direito, segundo Darcy, foi com este docente que teve a primeira grande admiração de sua vida, "uma admiração extasiada".

Em Belo Horizonte fez amigos como Hélio Pelegrino, Raul de Sá Barbosa, com quem conviveu intensamente nesta época, e com a família Brant, com destaque para os nomes de Celso e Hélio Brant. Darcy recorda-se ainda de Morse Belém Teixeira, Iglésias e Amaro Xisto.

A ida intempestiva para o Rio de Janeiro, por volta de 1940, deu-se por conta de uma conversa mantida com o amigo Hélio Pelegrino, católico fervoroso. – “Não resisti à tentação. Comprei passagem no noturno e me mandei para o Rio (...), sobre a necessidade de inventar para o povo uma religião racional e motivadora”, e a descoberta de que o positivismo podia ser esta religião e que já existia no Rio uma igreja positivista.

Desembarquei e entrei valente num táxi que mandei para o Hotel Suíço. Logo adiante me assustei, ao perceber que aquele agual manso que eu vinha olhando não era nenhuma lagoa. Era o mar. Fiquei besta com a mansidão dele.

Só no dia seguinte pude ver o mar, indo de bonde para a praia de Copacabana.(...) Entrei afoito com roupa e tudo e quase fui afogado por uma onda que me derrubou. Bebi muita água e vi que não era apenas salgada. Tinha gosto de sal de Glauber (Op. Cit.).

A primeira visita depois de ser batizado pelo sal das águas de Copacabana foi à igreja positivista e ficou impressionado com as idéias professadas por aquela religião, contudo a imagem de Clotilde de Vaud, o grande amor de Comte, colocada no lugar de Nossa Senhora horrorizou Darcy e embora as idéias positivistas fosse recebida com simpatia, a religião positivista não o foi.

Em *Confissões* (1997), uma autobiografia, revela sua intimidade, seus sentimentos, alegrias e frustrações de uma maneira caleidoscópica, sem uma seqüência cronológica marcada por datas, pois a memória não nos trás à tona seqüências de nossa vida por datas, mas guarda seletivamente o que mais nos impressionou e serviu para a construção de nosso eu, em especial quando selecionamos os fatos embasados na afetividade. As confissões feitas por Darcy são uma prova do homem apaixonado e impetuoso que tinha por princípio sorver a vida de maneira prazerosa. Neste livro nos fala dos amores, dos amigos, das descobertas, das frustrações, sempre numa linha descontínua, apenas trazendo à

tona o que julgou conveniente e merecedor de registro. Este é um recurso válido e utilizado pelos que escrevem sobre si mesmos.

Pertencente a chamada primeira geração de cientistas sociais brasileiros profissionalizados e com formação universitária específica, Darcy estudou com alguns dos mais eminentes mestres da época no campo das ciências sociais, tais como: Roquete Pinto na área da antropologia, Curt Nimuendaju, autodidata, nascido na Alemanha, mas que veio para o Brasil muito jovem, aqui viveu muitos anos como etnólogo, desenvolvendo estudos sobre os índios. Arthur Ramos também é lembrado por seus estudos sobre o negro brasileiro. Destacam-se ainda em suas lembranças os nomes de Gilberto Freyre, Manuel Bonfim, Capistrano de Abreu e Josué de Castro, de quem era amigo e admirador, além de nomes de mestres estrangeiros, sobretudo da escola paulista, em especial os direta ou indiretamente ligados a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, tais como: Roger Bastide e Lévi-Strauss, onde se diplomou em Ciências Políticas e Sociais.

Sobre a importância que representou em sua formação a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, criada em 1933, tendo abrigado grandes nomes das ciências sociais da época, muitos dos professores em seus primeiros anos de existência eram norte-americanos, franceses e alemães. Por ela passaram como alunos, entre outros nomes, Florestan Fernandes e o próprio Darcy Ribeiro. Mas voltemos voltamos a dar voz ao autor:

A escola de Sociologia e Política me contentou. Tinha professores excelentes, em tudo diferentes, até opostos, aos de Minas. Enquanto lá a tendência era para a erudição vadia, enfermidade principal da inteligência mineira, que tudo quer ler, de tudo quer saber, por pura fruição, em Sampa a coisa era séria. Ninguém buscava erudição. Lia-se o que fosse preciso, funcionalmente, como sustento do tema que se procurava dominar. A ciência não era um discurso fútil, especulativo, imaginoso, mas um exercício sério da inteligência verrumando a superfície do real. Os professores, quase todos, e eram dezenas, me ganharam e me empolgaram.

O meu querido zarolho, Almeida Júnior, sensível, sábio, inteligente, ensinava direito do trabalho (...) Era também meu

professor de organização do trabalho o velho Mange, organizador do SENAI (...)

Mais tarde nos surgiu Mário Wagner da Costa (...), nos ensinava sociologia da administração. Associou-se ao professor Pierson para elaborar uma bibliografia crítica da literatura e da ensaística brasileira de interesse sociológico. Como eu tinha uma bolsa de estudos que obrigava ao trabalho, fui chamado a colaborar com eles (...) Foi então que li a sério os romances e os estudos brasileiros que possivelmente me fizeram mais bem que todo o curso. Enquanto as aulas de ciências sociais me arrastavam para fora em esplêndidas construções teóricas, aquela bibliografia me puxava para dentro do Brasil e das brasilidades, me dando matéria concreta para nos pensar, como povo e como História.(...)

Da sociologia de Pierson, aprendi o discurso acadêmico norte-americano e algumas técnicas operativas da pesquisa de campo.(...) Grandes virtudes de Pierson eram nos dar horas e dias de seu tempo e seu interesse precoce pela ecologia humana.

Excelentes também eram os professores alemães, todos antinazistas, o que era coisa raríssima. Entre eles Émile Willens, que dava aulas elegantíssimas de antropologia.(...)

O melhor professor que tive foi Herbert Baldus, poeta prussiano e etnólogo apaixonado de nossos índios. Frequentei por três anos seu seminário pós-graduado de etnologia brasileira.(...) Ouvei ali e discuti toda a excelente monografia de Egon Schaden sobre mitologia heróica dos Guarani e o ensaio fantástico de Florestan Fernandes sobre a organização social tupinambá. Aprendi muito com Baldus.(...)

Um dia nos apareceu o professor Sérgio Buarque de Holanda, vindo da Alemanha para dar aulas de história do Brasil.(...)

Naqueles anos Sampa, era provavelmente uma das melhores cidades do mundo para se estudar ciências sociais (...). Lá estavam ou tinham estado (...) Lévi-Strauss (...). Roger Bastide, sábio francês que foi o encanto de nós todos. (...) Radcliffe Brown (Op. Cit.).

Os relatos dessa época o fazem rememorar a sua atividade de tarefeiro do Partidão e de estudante atento. Nos oito anos que esteve em São Paulo estudando, concluiu em 1945, o bacharelado e, entre 1946 e 1947, o mestrado, ambos os

cursos realizados na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Conforme seu testemunho planejava ir para a Universidade de Chicago, onde, de 1948 a 1949, completaria o doutorado. A militância política foi o principal entrave para o prosseguimento da formação acadêmica de Darcy.

AUTOR E OBRA: CUMPLICIDADE

Em *O Brasil Como Problema* (1995, 2ª ed.), Darcy chama a atenção do leitor para a cumplicidade do autor com a obra, pois os escritos espelham seus autores, refletindo idéias e manias e esclarece que em seus escritos expressava sua visão de mundo, que era a de antropólogo “metido na militância política”:

Apaixonado pelos índios e pelos brasileiros, especialmente os negros e mulatos. Interessado em todas as culturas e civilizações. É, também, a visão do plantador de centenas de boas escolas e modernas universidades. Inclusive a Universidade do Terceiro Milênio, que criei e acaba de ser fundada.

Minha fala é a do cruzado que sou, sempre defendendo minhas causas ou expressando minha indignação. Seja a salvação dos índios. Seja a reforma agrária. Seja a ruindade de nossas elites. Seja o descalabro da educação brasileira. Seja a universidade necessária. Seja a malandrice neoliberal. Nenhum escritor é inocente, eu também não. Confesso que quero mesmo é fazer sua cabeça. . (RIBEIRO: 1995. P.6-7)

Em *Confissões* desnuda-se outra vez diante da iminência da morte, talvez motivado pelo medo de que pudesse ser retratado de maneira inexata, que

escapasse ao biógrafo ou quem quer que fosse a retratar-lhe a vida, o verdadeiro Darcy, um eterno apaixonado, o homem de muitas mulheres e sempre um amante apaixonado, fiel enquanto durasse a paixão. Assim escreve no prefácio desta obra:

Este livro meu, ao contrário dos outros todos, cheios de datas e precisões, é um mero relato espontâneo. Recapitulo aqui, como me vem à cabeça, o que me sucedeu pela vida afora.

Muito relato será, talvez equivocado em alguma coisa. Acho melhor que seja assim, para que meu retrato do que fui e sou me saia tal como me lembro. Neguei-me, por isso, a castigar o texto com revisões críticas e pesquisas. Isso é tarefa de biógrafo .(...)

Quero muito que essas minhas Confissões comovam. (...)

Quero também que sejam compreendidas. Não por todos, seria demasia; mas por aqueles poucos que viveram vidas paralelas e delas deram ou querem dar notícia. Nos confessamos é uns aos outros, os de nossa iguala, não os que não tiveram nem terão vidas de viver, nem de confessar. Menos ainda aos pródigos de palavras de fineza, cortesãos.(...)

(...) O preço da vida se paga é vivendo, impávido, e recordando fiel o que dela foi dor ou foi contentamento. (RIBEIRO: 1997. P. 11-12)

Ao final deste prefácio, que é em si uma confissão, um desabafo, uma provocação, uma tomada de posição frente à vida e a morte que o espreitava sorrateira e a qual não conseguiria ludibriar por muito tempo, conclui:

Termino esta minha vida exausto de viver, mas querendo mais vida, mais amor, mais saber, mais travessuras. A você que fica aí, inútil, vivendo a vida insossa, só digo:" Coragem! Mais vale errar, se arrebetando, do que poupar-se para nada. O único clamor da vida é por mais vida bem vivida. Essa é, aqui e agora, a nossa parte. Depois, seremos matéria cósmica, sem

memória de virtudes ou de gozos. Apagados, minerais. Para sempre mortos." (Op. Cit. P. 12)

O POVO BRASILEIRO: A GRANDE SÍNTESE

Ao lançar este livro, mesmo sem achar que havia acabado a obra como desejava, pretendia poder contribuir para o entendimento de nossas origens e encontrar pistas para compreender quem somos, o que somos e porque somos um povo "sui generis".

Segundo o autor, este livro representou um desafio, levou trinta anos para ser concluído e, se não fosse pelo medo de morrer sem terminar seu estudo, talvez as reflexões contidas no mesmo ainda continuassem dormindo entre os inúmeros escritos inacabados, pois Darcy era o homem dos sete instrumentos. Irrequieto, sempre a idealizar novos projetos, novas frentes de trabalho, novos desafios intelectuais, parecia estar sempre a desafiar a si próprio.

Não faltaram a lhe provocar os opositores e os críticos, aqueles que duvidavam de sua capacidade criativa, de suas intenções, do mérito de seus estudos científicos. Ao entrar para a cena da vida política partidária os desafetos aumentaram e a polêmica em torno de suas idéias tornou-se mais acirrada, ainda mais que não era pessoa de panos quentes, de ficar em cima do muro. Como ele próprio declarava, a sua obra era "uma obra engajada, comprometida" e ele um homem sem meias palavras.

O povo brasileiro não é obra neutra, isenta de compromissos. Desafia o leitor a também tomar posição, definir-se, assumir suas responsabilidades, encarar seu papel como agente histórico. Ao compreender quem somos e porque somos o que somos, teremos que nos posicionar perante os fatos e sair da cômoda neutralidade em que muitas vezes permanecemos, como se não fossemos responsáveis pelos destinos de nossa sociedade.

A respeito das dificuldades e desafios que Darcy enfrentou para a conclusão de *O povo brasileiro*, nos esclarece o autor:

Escrever este livro foi o desafio maior que me propus. Ainda é. Há mais de trinta anos eu o escrevo e rescrevo, insaciável.(...) Nunca pus tanto de mim, jamais me esforcei tanto como nesse empenho, sempre postergado, de concluí-lo (...).

Ultimamente essa angústia se aguçou porque me vi na iminência de morrer sem concluí-lo. Fugi do hospital, aqui para Maricá, para viver e também para escrevê-lo (Op. Cit. P. 11).

Projeto tantas vezes abandonado, reiniciado, considerado findo, como foi à versão em castelhano escrita no Peru, cuja publicação foi vetada na

Por que só agora o retomo, depois de tantos, tantíssimos ocasião por Darcy, é diante da doença retomado com fôlego:anos, em que me ocupei das tarefas mais variadas, fugindo dele? (...) foi para me dar a outras tarefas. Entre elas a de me fazer literato e publicar quatro romances, retomando uma linha de interesses que só me havia tentado aos vinte anos. Nessa longa travessia, também politiquei muito, com êxito e sem êxito, aqui e no exílio, e me dei a fazimentos trabalhosos, diversos. Inclusive vivi, quase morri. (Op. Cit. P. 12)

Os livros *O Processo Civilizatório (1968)*; *As Américas e a Civilização (1970)*; *O dilema da América Latina (1971)*; *Os brasileiros: Teoria do Brasil (1978)*, compõem junto com *Os Índios e a civilização (1970)*, a trajetória reflexiva de Darcy para a compreensão e solidificação teórico explicativa do Brasil. Nas palavras do autor, esses cinco volumes de quase duas mil páginas “são fruto da busca de fundamentos teóricos que, tornando o Brasil explicável, me permitissem escrever este livro” (Op. Cit. P. 17).

Em *O povo brasileiro* Darcy parte do conceito defendido por ele em obras anteriores da condição dos brasileiros como “um povo novo”, surgido da confluência, do entrelaçamento e caldeamento do “invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (1995, 19). Um povo novo e um novo modelo de estruturação societária são as características de nós, os brasileiros, apontadas e tomadas como referencial analítico por Darcy.

O livro está dividido em quatro partes ou capítulos, subdivididos em tópicos, a saber: I – O Novo Mundo; II Geração Étnica; III Processo Sociocultural e IV Os Brasis Na História. Nesta obra Darcy enfatiza a contribuição da matriz indígena na formação do povo brasileiro.

O primeiro capítulo, *O novo Mundo*, inicia com referência as nossas matrizes étnicas, destacando-se a matriz tupi e a lusitana. Do enfrentamento dos mundos e o início do processo civilizatório, ressalta o papel desempenhado pelos jesuítas nas terras brasileiras e de outras ordens religiosas, como carmelitas e franciscanos na conversão dos índios e na contradição entre o projeto colonial e o projeto religioso.

Quanto ao projeto jesuítico afirma: “o projeto jesuítico era tão claramente oposto ao colonial que resulta espantoso haver sido tentado simultaneamente e nas mesmas áreas e sob a dominação do mesmo reino” (Op. Cit. P. 54). O resultado seria o fracasso da missão jesuítica em termos do que havia sido planejado e que culmina com a expulsão dessa ordem religiosa do Brasil.²⁴

Darcy é enfático ao afirmar que a presença dos jesuítas foi tão nefasta para a sobrevivência dos grupos indígenas, quanto à presença e interesses dos colonos portugueses que viam na mão de obra indígena uma forma de mão de obra escrava a sua disposição, bem como os territórios indígenas eram tidos como terra de ninguém, portanto um território a ser ocupado. Acima da fé estavam os interesses da coroa portuguesa e do patrimônio da ordem.

²⁴ A expulsão dos jesuítas está diretamente ligada ao período pombalino em Portugal.

O papel nefasto dos jesuítas retirando os índios de suas aldeias dispersas para concentrá-los nas reduções, onde eram mão de obra praticamente escrava a serviço dos padres e vítimas nas guerras dos portugueses, agrava-se com a mortandade de índios decorrentes das várias doenças a que estavam sujeitos através do contato com o homem branco. Como afirma o autor: “É evidente que nos dois casos o propósito explícito dos jesuítas não era destruir os índios, mas o resultado de sua política não podia ser mais letal se tivesse sido programada para isso” (Op. Cit. P. 55-56).

Ainda em relação à contribuição indígena na formação do povo brasileiro, ressalta o papel desempenhado pela instituição social do cunhadismo que, segundo o autor, muito contribuiu para essa formação:

...velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhes dar uma moça indígena como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo.

Isso se alcançava graças ao sistema de parentesco classificatório dos índios, que relaciona, uns com os outros, todos os membros do povo. Assim é que, aceitando a moça, o estranho passava a ter nela sua temericó e, em todos os seus parentes da geração dos pais, outros tantos pais ou sogros. O mesmo ocorria em sua própria geração, em que todos passavam a ser seus irmãos ou cunhados. Na geração inferior eram todos seus filhos ou genros (Op. Cit. P. 81).

Em sua análise sobre a nossa formação sócio-cultural enfatiza não apenas a contribuição indígena, mas ressalta e analisa a presença do negro africano e dos lusitanos já bem mestiçados quando aqui aportaram. Darcy dá um destaque ímpar à matriz tupi, nem sempre lembrada ou considerada com tamanho vigor por outros estudiosos.

Ao tratar da Gestação Étnica no capítulo II, no tópico 2, denominado “Moinhos de Gastar Gente”, a análise considera tanto os brasilíndios, como os afro-brasileiros, os neobrasileiros, e os brasileiros. Inicia o capítulo com os brasilíndios enfatizando a brutalidade do colonizador para com os nativos. Segundo o autor a brutalidade era tamanha que os jesuítas espanhóis

horrorizados passaram a chamá-los de mamelucos, em analogia a uma casta de escravos que os árabes tomavam de seus pais para criar e adestrar em suas casas criatórios, onde desenvolviam o talento caso o tivessem.

Seriam janízaros, se prometessem fazer-se ágeis cavaleiros de guerra, ou xipaios, se covardes e servissem melhor para policiais ou espíões. Castrados, serviriam como eunucos nos haréns, se não tivessem outro mérito, Mas poderiam alcançar a alta condição de mamelucos se revelassem talento para exercer o mando e a suserania islâmica sobre a gente de que foram tirados (Op. Cit. P. 107,108).

Dois momentos de nossa formação, apresentados nas conclusões dessa obra, parecem indicar quem somos como povo: “As dores do parto” destaca as etapas que marcaram a ocupação das terras brasílicas pelos portugueses, que passa de “uma feitoria escravista, exoticamente tropical, habitada por índios nativos e negros importados” para ser regido depois “como um consulado, em que um povo sublusitano, mestiçado de sangues afros e índios, vivia o destino de um proletariado externo dentro de uma possessão estrangeira” (Op. Cit. P. 441).

Na realidade é quase impossível falar em povo brasileiro ao se debruçar sobre o processo de nossa formação, pois como afirma o autor: “Nunca houve aqui um conceito de povo, englobando todos os trabalhadores e atribuindo-lhes direitos. Nem mesmo o direito elementar de trabalhar para nutrir-se, vestir-se e morar” (p.441). As conseqüências deste processo de exclusão que marcou toda a nossa história, reflete-se ainda hoje em nossa sociedade: a coexistência de uma prosperidade empresarial, de uma camada proprietária de bens e serviços, dona de terras e gentes ao lado de uma imensa massa de população vivendo na mais incrível penúria. O fosso entre ricos e pobres é muito grande e a distribuição da riqueza muito desigual.

O processo de desindianização forçada dos índios e de desafricanização do negro, impeliu-os a inventar uma nova etnicidade englobadora de todos

eles. “Assim é que se foi fundindo uma crescente massa humana que perdera a cara: eram ex-índios desindianizados, e sobretudo mestiços, mulheres negras e índias, muitíssimas, com uns pouquíssimos brancos europeus que nelas se multiplicaram prodigiosamente” (p.442).

E continua o autor:

Essa massa de mulatos e caboclos, lusitanizados pela língua portuguesa que falavam, pela visão de mundo, foram plasmando a etnia brasileira e promovendo, simultaneamente, sua integração, na forma de um Estado-Nação. Estava já maduro quando recebe grandes contingentes de imigrantes europeus e japoneses, o que possibilitou ir assimilando todos eles na condição de brasileiros genéricos (OP. Cit. P. 442).

O modo de ordenação da sociedade, estruturada contra os interesses da população, é apontado como responsável pelo descompasso interno em termos de desenvolvimento. Nunca houve, segundo o autor, no Brasil, um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. Sempre uma massa de trabalhadores explorados e humilhados, ofendidos por uma minoria dominante, “espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social vigente” (p.446).

Que é o Brasil entre os povos contemporâneos? Que são os brasileiros?

Essas duas questões permearam toda a análise desta obra bem como as suas investigações sobre o Brasil e a América Latina. Elas estão imbricadas em estudos realizados por Darcy ao longo de sua vida, não apenas nos de caráter científico, mas também em seus romances como *Maíra* (1978) e *O Mulo* (1981) nos quais mistura a ficção com nossas raízes culturais. Há um Brasil que se revela nas páginas dos dois romances. Parece que de alguma forma buscava uma resposta para as questões acima.

Quem somos? Essa era a grande questão a ser respondida e que por tanto tempo foi objeto de discussão e polêmica entre os preocupados em definir os brasileiros. Depois de se debruçar por longos anos no estudo de

nossas origens, mestiçagens, cultura, arte, literatura, formação econômica e social, chega feliz a conclusão de que somos o resultado da fusão de matrizes diferenciadas. Para ele,

... os brasileiros são hoje, um dos povos mais homogêneos lingüística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. Não abrigam nenhum continente reivindicativo de autonomia, nem se apegam a nenhum passado. Estamos é abertos para o futuro.

E conclui:

Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil já é a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural (...) Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque abertas à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra (OP. Cit. p. 448-449).

UM SONHO, UMA REALIDADE

Ao seguir as trilhas deixadas por Darcy Ribeiro através de sua obra, em especial os três livros aqui tomados como referência, depara-se com um homem apaixonado pela vida, um sonhador, um militante político que acreditava na utopia que defendia. Um intelectual, cuja principal tarefa era ler, ou como se definiu certa vez “um devorador de papel”, um homem impetuoso, irônico, irreverente e romântico. Em busca de nossa identidade como povo, buscava compreender a sua própria identidade como brasileiro. Por seu temperamento colecionou afetos e desafetos, fez amigos e admiradores, mas também inimigos e críticos mordazes, mas ele gostava do debate, da polêmica.

Nunca deixou de acreditar em sua utopia: O Brasil e nós os brasileiros somos o novo, a esperança de uma nova era.

REFERÊNCIAS

- Bachelard, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988
- _____. **O Direito de Sonhar**. 3ª.Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- _____. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. – (Coleção Tópicos)
- Bomeny, Helena. **Darcy Ribeiro: Sociologia de um indisciplinado**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- Morin, Edgar. **Ciência com Consciência**. Portugal: Europa-América, 1984.
- Kundera, Milan. **Os Testamentos Traídos: ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- Guérin, Michel. **O que é uma Obra?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Ribeiro, Darcy. **Os Brasileiros**. Livro I – Teoria do Brasil. 4ª. Ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1978.
- _____. **O Dilema da América Latina**. *Estudos de Antropologia da Civilização*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. **O Brasil como Problema**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Diários Índios: Os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Maíra**. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978
- _____. **O Mulo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- Tendler, Silvio. **Vídeo Documentário Josué de Castro – Cidadão do Mundo**, 1997.